

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 13733

Data 06 / 06 / 2008

() Compra ☒ Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Reinações e Maravilhas na Literatura Brasileira para crianças

Patricia Borges Ferreira

Pontes e Lacerda-MT
2007

82.09
F383L
xx.01
C92568949

Patricia Borges Ferreira

Reinações e Maravilhas na Literatura Brasileira para crianças

**Pontes e Lacerda-MT
2007**

Patricia Borges Ferreira

Reinações e Maravilhas na Literatura Brasileira para crianças

Monografia apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso/Departamento de Letras, Campus Universitário de Pontes e Lacerda como instrumento de avaliação da disciplina de TCC do curso de Letras-Língua Portuguesa e Inglesa e Literaturas e como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Ms. **Maria Inês Parolin**

Pontes e Lacerda-MT
2007

Dedico este trabalho a todos que, de forma direta ou indireta, fizeram parte da minha vida.

A minha família, que sempre esteve ao meu lado nos momentos difíceis .

Ao meus colegas desse difícil caminho que não me deixaram desanimar...

Agradeço a Deus que esteve ao meu lado em todos os momentos de minha vida e que me deu paciência e sabedoria para percorrer esse caminho.

A todos os meus companheiros dessa caminhada.

A minha família, que esteve sempre ao meu lado.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
I - "REINAÇÕES DE NARIZINHO" E A CRÍTICA	08
II - "REINAÇÕES DE NARIZINHO" E A LITERATURA	13
III - REINAÇÕES E MARAVILHAS	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar a fundo como ocorre a fusão entre a realidade e a fantasia na obra "Reinações de Narizinho" (1931) de Monteiro Lobato, a partir de uma discussão sobre como o autor dimensiona essa fusão em sua obra, como ele a retrata, e o que esse gesto significa em seu contexto e em relação à função do gênero tido como infantil, dado pela crítica ao autor, numa perspectiva mais ampla.

Tomei como base ainda para melhor analisar essa fusão em "Reinações", a obra "Alice no País das Maravilhas" (1864) de Lewis Carroll, que foi um marco, na introdução de uma nova narrativa dita para crianças.

Assim, me interessa perceber como essas duas narrativas, em seus diferentes tratamentos, resolvem simbolicamente a problematização sobre as relações entre realidade e fantasia, de dentro de seus próprios enredos e procedimentos.

Na hipótese de leitura, consideramos que Lobato encena nessa obra o que projeta para a Literatura que lida com a infância: cenário brasileiro, complexidade narrativa, polissemia de sentidos.

CAPÍTULO I

“REINAÇÕES DE NARIZINHO” E A CRÍTICA

“Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato (1882-1948) foi escrita à margem do Modernismo, enquanto Movimento Paulista. Esta obra esteve à margem do Movimento Modernista, mas não comparava em sua estrutura a estética desse movimento, cujo procedimento estético de base seria o de levar ao limite a instituição da perspectiva do “outro” nas narrativas, trabalhada a partir do eixo de simultaneidade temporal. A perspectiva desse “outro” aparece radicalizada no sentido de que as culturas, a língua e a visão de mundo desse “outro” (a grosso modo, aquele que não teve vez ou voz na tradição canônica ocidental ou brasileira, tal como o sujeito infantil, o índio, a mulher, o marginalizado pelo cânone ou pela sociedade) passa a mostrar cada vez mais a estrutura das narrativas produzidas a partir de então.

Segundo Lajolo (1995), Lobato não fez parte desse movimento propriamente devido às suas divergências de pensamentos e atitudes no que se refere à escrita diante dos outros escritores que integravam o movimento em suas primeiras fases. Mesmo assim, como defendemos, essa obra possui diversas características modernistas pois é dotada de grandes inovações lingüísticas e estéticas, e tem como procedimento principal a relação complexa estabelecida entre o plano real e o maravilhoso. Até o momento pouco se falou sobre esta obra, principalmente no que se refere a essa relação entre a realidade e a fantasia. Novaes Coelho aponta em seu “Dicionário Crítico” (1997) a possibilidade de um estudo mais amplo dessa fusão da realidade com a fantasia já que ela lança a discussão e faz algumas afirmações sobre o tema, para ser então posteriormente pesquisado mais a fundo: *“Um dos grandes ‘achados’ da criação lobatiana foi a anulação de fronteiras entre a vida real, conhecida de perto pelo pequeno leitor, e o espaço maravilhoso, que é próprio da literatura infantil tradicional.”* (pág.850)

Segundo Lajolo e Zilberman (1999), até a publicação de "Reinações", toda a produção infantil para crianças no Brasil era inspirada nos moldes europeus, tanto que eram estes clássicos europeus que forneciam material para as adaptações e traduções dessa literatura. Portanto, é indiscutível que a literatura infantil brasileira ficou marcada pelo transplante de temas e textos europeus que foram adaptados ao português do Brasil.

Em fins do século XIX e início do XX o que circulava eram versões brasileiras e portuguesas de textos de Perrault, Grimm e Andersen portando os séculos XVII e XVIII, que refletiam muito as intenções e a nacionalidade européia. No entanto, havia a necessidade de se expor as particularidades brasileira nas obras ditas infantis, de se lidar com a modernização pela qual o Brasil vinha passando. Sendo assim, a estética desse período deixou meio de lado as preocupações com a norma- padrão da língua e o falar elevado, dando maior importância à oralidade, ao coloquial, ao popular e a até a uma ortografia diferente, como Lobato faz em suas obras.

"...como Lobato, (...) romperam os laços de dependência à norma escrita e ao padrão culto, procurando incorporar a oralidade sem infantilidade, tanto na fala dos personagens, como no discurso do narrador." (pág.83)

Isso é evidente no capítulo "Aventuras do Príncipe", de "Reinações de Narizinho", através de uma fala de Tia Nastácia: *"_ Acuda, sinhá! Estão pulando pela janela! Olhe quem está atrás de mecê! Um bichinho de óculos, que é um verdadeiro 'felômeno...' (LOBATO, pág. 69)*

Além disso, o Modernismo brasileiro favoreceu a representação do contemporâneo, em nome do qual todas as liberdades eram permitidas. Lobato aproveitou bem esse momento e atualizou personagens, temas, idéias e incorporou a seu universo imaginário o que considerava de mais avançado, a tecnologia. A introdução da chamada literatura infantil brasileira contemporânea reafirmou a oralidade e o coloquialismo, mudou a noção de infância, trazendo à tona uma imagem de criança sofrida, crítica, participante. Ressaltou a voz da criança, representou-a de forma inovadora para os padrões conservadores que predominavam.

Podemos citar como exemplo o capítulo "A história do Visconde" em "Reinações", onde ele desvenda o sumiço dos pintos do galinheiro do Sítio, os quais estavam sendo comidos pelo gato Felix:

"_ Eis as provas! Este pelo eu o encontrei no galinheiro, bem no local do crime e ainda manchado com o sangue da vítima. E este outro a senhora Emilia arrancou dessas fuças, seu miserável! Estão aqui as provas. Quem quiser pode vir examina-las com o binóculo de dona Benta. São perfeitamente iguais, até no cheiro. Ambas têm cheiro de gato ladrão!..." (LOBATO, pág. 91)

Lobato retratou ainda de maneira nunca vista a relação da criança e do adulto. Como se vê, incorporando as discussões estéticas e literárias de seu período. Isso é bem visível em "Reinações", no capítulo "Emília e La Fontaine", onde a relação entre o adulto e a criança é inovadora, o adulto respeita as idéias e as opiniões das crianças. Podemos comprovar isso através de uma fala de La Fontaine a Emília e Pedrinho, onde o mesmo agradece por eles acharem que seus inimigos franceses estão errados ao dizerem que suas fábulas não são tão boas: "*Obrigado pelo consolo, bonequinha. Tua opinião e a de Pedrinho valem muito para mim, porque em ambas vejo grande sinceridade*" (LOBATO, pág. 139)

Segundo Novaes Coelho, essa linguagem coloquial dotada de humor vinha romper de vez com a seriedade da linguagem culta e para ela, na obra de Lobato a maior novidade da época era a relação posta entre a criança e o adulto, o que já não era mais apenas de forma "conflitante", uma vez que o adulto aceitava e respeitava bem mais a criança.

"Muito embora não sejam relações conflitantes, mas sim de equilíbrio, nelas já estão presentes: o questionamento ao mundo convencional de então, o estímulo ao espírito lúdico e o desafio ao racionalismo imperante, através do incentivo à livre imaginação e à fantasia, indispensáveis à criatividade que precisava ser incentivada." (pág. 849)

Em "Reinações de Narizinho" a criança passa a ter voz ativa e o direito de questionar o que ocorre à sua volta, assume uma postura crítica diante dos conflitos que vão surgindo e, mediado as vezes pela fantasia, as vezes pela própria "realidade" no plano de narrativa, a criança apresenta soluções para questões da contemporaneidade histórica.

Ainda de acordo com Novaes Coelho a intenção de Lobato, ao inovar a linguagem literária aproximando-a da fala coloquial era facilmente identificável através dos supostos "erros" gramaticais, dos neologismos, dos recursos expressivos, dos traços sonoros que marcavam suas obras. Lobato utilizava muita pontuação, sinais de exclamação, interrogação, valorizava ao extremo a visualidade, a musicalidade.

"... Justamente naquela semana as jabuticabas tinham chegado "no ponto" e a menina não fazia outra coisa senão chupar jabuticabas (...) Escolhia as mais as bonitas, punha-as entre os dentes e *tloc!* E depois do *tloc*, uma engolidinha de caldo e *pluf!* _ caroço fora. E *tloc*, *pluf*, *tloc*, *pluf*, lá passava o dia inteiro na árvore." (LOBATO, pág. 22)

Zilberman e Lajolo também comentam sobre a estética do período modernista no que se refere às mudanças na escrita, na fala, à inclusão do coloquialismo, citando inclusive Monteiro Lobato.

"... a linguagem modelar foi destronada, cedendo a vez (e a voz) ao coloquial, ao popular e ao atual no que se refere à semântica e sintaxe, e, em alguns casos, como o de Monteiro Lobato, até na ortografia." (pág. 62 e 63)

É certo que a sua grafia ainda viria em itálico ou entre aspas, como os exemplos dados, mas o fato de serem incluídos na narrativa é que significa a mudança trazendo o efeito de que o mundo infantil estava sendo construído por dentro, pela obra.

De acordo com Novaes Coelho, na obra "Literatura Infantil" (1997), à medida que o homem vai avançando seu conhecimento científico do mundo e passa a utilizar-se da "Razão", ele passou também a exigir da Literatura a

representação da verdade "Real" com mais intensidade. Ao mesmo tempo e na mesma medida, as artes resistiam à modernização científica, e à objetividade pressuposta, trazendo à tona nas obras, a partir do Romantismo, a valorização do sobrenatural, do inaceitável, do mundo inconsciente.

Em "Reinações de Narizinho" vários episódios acontecem em um lugar real, mas são situações mágicas que se misturam, se confundem com a realidade de forma muito natural. Qualquer um podia viver as fantasias que se passavam ali no sítio. Ou seja, não existe um espaço delimitado para realidade e fantasia, pois, com o decorrer dos acontecimentos uma vai tomando o lugar da outra, as duas se fundem de tal maneira que já não há como separá-las, ou melhor, os diversos planos de real existentes na obra se fundem com a fantasia e vice-versa.

Para nosso intento Coelho realiza também um breve e simples comentário sobre a relação que "Reinações" tem com "Alice no País das Maravilhas"(1864) de Lewis Carroll.

Ela comenta especificamente a resolução das obras, ou melhor o desfecho, o momento em que Narizinho e Alice se dão conta do que está acontecendo, relacionando esse "se dar conta" do acontecimento com um suposto sono/sonho no caso de Alice, do qual é acordada posteriormente, e no caso de Narizinho a crítica deixa evidente que já não é *"mais o sonho, mas o real penetrado de magia."* (pág.851)

1- Todorov em sua obra "Introdução à literatura fantástica define que o fantástico é como uma " percepção particular de acontecimentos estranhos", um gênero evanescente que " dura apenas o tempo de uma hesitação".

Portando, é no final das obras que vemos a principal diferença entre ambas, no que se refere à realidade e fantasia. Por isso a escolha em trabalhar com essas obras, pois no caso de "Alice" percebemos claramente a fantasia como parênteses em meio ao mundo real, consideramos então que há evidentemente, um deslocamento em relação à fusão realidade\fantasia de uma obra para a outra.

Enfim, até o momento pouco se falou sobre essa relação da realidade e do maravilhoso em "Reinações de Narizinho", por isso realizo a seguir uma análise sobre o assunto.

CAPITULO II

“REINAÇÕES DE NARIZINHO” E A LITERATURA

“Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato reúne todos os livros que o autor havia publicado até esta data (1931).

O enredo é narrado predominantemente em terceira pessoa e é uma história ambientada no Sítio do Picapau Amarelo onde vivem Dona Benta, Tia Nastácia, Lúcia(Narizinho). Todas as tardes Narizinho passeia com sua boneca Emília em um ribeirão que passa no fundo do pomar. Certo dia, Narizinho conheceu um peixinho à beira do ribeirão e foi então viver sua primeira aventura. Acontece aqui a aceitação do sobrenatural e a suspensão provisória de noção de real empírico : a partir desse episódio ela vive e se encontra com diversas figuras e personagens que não pertencem ao mundo da sua realidade.

Consideramos que existem na obra dois ou mais planos de realidade dos quais tratarei no decorrer da análise. Não só Narizinho, mas todos os que vivem no sítio vivenciam essas aventuras: sua boneca Emília começa a falar depois de uma de suas aventuras, e assim a imaginação e a fantasia tomam conta do Sítio e de seus personagens.

1- A 1ª edição foi publicada em 1921 com o título “ Narizinho Arrebitado”. E os livros que compõem a obra “ Reinações de Narizinho” são: “Narizinho Arrebitado”, “O Sítio do Pica-Pau-Amarelo”, “Aventuras do Príncipe”, “O Gato Felix”, “Cara de Coruja”, “O irmão de Pinóquio”, “O Circo de Escavatinhos”, “Pena de Papagaio”, “O Pó de Pirlimpimpim”.

Lobato escreveu vinte e seis obras voltadas ao leitor infantil.

A matriz clássica de narrativa para crianças no Ocidente são os contos de tradição oral e indistinta quanto ao público que, circulando livremente entre os sujeitos até o contexto da Idade Média que no advento da Literatura e da Modernidade são adaptados em versões escritas pelos folcloristas e românticos.

Nestas já se lidava com a questão entre o papel de “realidade” e de fantasia, mesmo que apaziguando a tensão entre os dois pólos.

“Chapeuzinho Vermelho” incluída na coletânea “ Contos da Mamãe Gansa” de Charles Perrault (1697), no contexto histórico da França em crise absolutista, inaugura a produção literária dirigida para a criança, inaugurando ao mesmo tempo uma posição estética para lidar com a mesma: a criança nessa obra não tem voz e idéias próprias, ainda não questiona a sua realidade e os fatos a sua volta. A obra é de cunho moral e vem sempre para ensinar algo que a criança deve ou não fazer e seguir. Chapeuzinho Vermelho é muito amada e adorada pela mãe e pela avó às quais sempre obedece.

“Era uma vez uma menina, a mais bela que se tenha visto: sua mãe era louca por ela, e sua avó mais louca ainda. Esta boa senhora lhe fez um capuz vermelho, que lhe assentou tão bem que por toda a parte a chamavam o Chapeuzinho Vermelho.”
(Chapeuzinho Vermelho, 1697)

Logo no início da história percebemos que Chapeuzinho Vermelho é uma obra tradicional, pois se passa em um ambiente maravilhoso e a menina sempre obedece a mãe fielmente, sem questioná-la. Temos ainda a moralidade no final da história que ensina que crianças bonitas, amadas e gentis como Chapeuzinho Vermelho não devem dar ouvidos a estranhos porque os mesmos podem fazer mal a elas. Vemos claramente Chapeuzinho Vermelho apenas repetindo a fala da mãe através do trecho em que ela encontra o Lobo a caminho da casa de sua avó e repete a ele tudo que sua

mãe lhe disse antes de sair de casa: *"Vou ver minha avó e lhe levar um bolo, com um potinho de manteiga, que minha mãe lhe envia."* (**Chapeuzinho Vermelho, 1697**)

Já em "Reinações", as histórias acontecem no Sítio do Picapau Amarelo em um espaço familiar onde vivem pessoas comuns, como a tia, avó, crianças, que fazem parte do cotidiano humano e infantil moderno: *"Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta."*

(LOBATO, pág.7)

Nesse ambiente figurado no cenário cotidiano surge um elemento estranho que está no mundo dos sonhos, da fantasia, e de forma natural esse dois elementos tradicionalmente opostos se fundem, se igualam, através de aventuras que se misturam, tornando-se inconfundíveis. No entanto, essa fusão não ocorre de imediato, e sim através de um longo processo que inclui a incorporação de outros elementos singulares da cultura brasileira e ocidental.

"Reinações" retrata, funde os contos clássicos e as anedotas populares, pois a obra traz para o cenário do Sítio personagens desses contos e, ao mesmo tempo apresenta alguns personagens dos seus, contando histórias de forma pouco convencional, como é o caso da boneca Emília:

" _ Era uma vez um 'rei', um 'príncipe' e uma 'fada', que moravam juntos num lindo palácio de cristal, na beira do lago mais azul de todos. Uma beleza esse palácio, todo cheio de fios de ouro, que quando dava o vento iam para lá e para cá." (LOBATO, pág.86)

O fato de a boneca Emília estar contando "à sua maneira", uma história que falava de fadas, príncipes e reis, demonstra claramente uma inovação, pois, isso até então não era nada comum. As histórias eram lidas e não contadas oralmente para um grupo de pessoas e isso demonstra uma fusão entre um dos planos da realidade existentes na obra e a fantasia: O Sítio e as narrativas contadas.

A obra é muito rica em elementos maravilhosos, retratados principalmente pela brilhante imaginação de Narizinho (Lúcia), uma das protagonistas da obra. Como já foi citado anteriormente, existem nesta obra os planos da realidade e o da imaginação que se igualam, se identificam como algo comum de ocorrer, como se o mundo da fantasia nada mais fosse do que a pura e simples continuação de uma possibilidade de existência "real".

Emília fala com dona Benta de forma natural, para explicar o porque está sem saia e dona Benta, por sua vez, fica muito assustada ao ver a boneca falar e logo chama Tia Nastácia para que ela também veja a boneca Emília falar.

" _ Culpa dela, dona Benta! Narizinho tirou minha saia para vestir o sapão rajado _ disse Emília falando pela primeira vez depois que chegara ao sítio.

Tamanho susto levou dona Benta, que por um triz não caiu de sua cadeirinha de pernas serradas..." (LOBATO, pág. 20)

Um ponto que exemplifica um tipo de relação entre o real e o maravilhoso é a ida de Narizinho e Emília ao reino das abelhas, onde há a comparação do reino visitado com o reino humano, que é desigual e injusto: o das abelhas é perfeito e organizado, mesmo com a ausência de governo. Pode-se verificar esta afirmação através das falas de Narizinho que destacam algumas características da sociedade humana:

"Emília, tenha modos! (...) Você vai ser marquesa, vai viver em salões e precisa saber fingir ouviu" (LOBATO, pág.90)

"Peço-lhe mil desculpas, Senhor Vidro Azul! Emília tem a mania de ser franca. Nunca viveu em sociedade e ainda não sabe mentir. Não é como nosso Visconde de Sabugosa, que fala, fala e ninguém não sabe nunca o que ele realmente está pensando, não é, visconde." (LOBATO, pág.90)

Através desses trechos fica evidente a forma com que Lobato retrata em sua obra "o reino humano e adulto", dotado de imperfeições, fazendo assim uma pequena crítica a este "reino" capaz de mentir e dissimular.

Ao mesmo tempo apresenta personagens do mundo imaginário como incapazes de tal atitude, como seres que ainda não sabem enganar, tratando-os como honestos e francos.

Vale ressaltar ainda a festa que acontece no Sítio, reunindo personagens do mundo das histórias maravilhosas e clássicas. Cinderela é questionada por Emília a respeito de seus sapatinhos, cujo modelo difere de versão para versão na Língua Portuguesa do início do século XX:

“ _ Também eu conheço toda a história. Mas há um ponto que eu não entendo bem. É a respeito dos tais sapatinhos. Um livro diz que era de cristal; outro diz que era de cetim. Afinal de contas estou vendo você com sapatinhos de couro...” (LOBATO, pág. 94)

Essa é uma situação que envolve ao mesmo tempo elementos “reais”, isso no plano de real narrativo, e elementos maravilhosos. O fato de Cinderela, uma personagem clássica, que só existe nos contos, em um mundo dotado de magia e fantasia, visitar o Sítio, e ainda ser vista e recebida por pessoas que ali vivem, demonstra mais uma vez que nesta obra não há fronteiras entre a realidade e a fantasia, pois Cinderela é um mito para os próprios personagens do Sítio, é uma referência no que diz respeito à imaginação e fantasia. Ela conversa com Emília, que é outra personagem do maravilhoso e leitora de sua história. A presença de Cinderela na obra instaura a fusão complexa de três noções de real: a do livro de histórias, do real dos humanos do Sítio e do real dos inventadores/inventados do Sítio.

2- Todorov afirma que a característica principal do Maravilhoso é a naturalização do insólito, ou seja, a ocorrência de situações ou seres sobrenaturais, pois os elementos insólitos estariam inseridos em um universo em que “tudo” é possível.

Há ainda, além dos personagens das histórias clássicas, a presença de seus contadores, como Grimm, Andersen e La Fontaine, como já dissemos, que fazem parte da literatura infantil clássica e estão justamente sendo inseridos em uma obra um tanto moderna demais para eles, ou seja, uma obra que brinca com a magia, com o maravilhoso de uma forma diferente, de forma que um interfira diretamente no outro, isso sem contar o fato de que o próprio questionamento de Emília a esses autores encena a relação leitor-obra da "realidade" de Lobato, a ser discutido de dentro de sua obra.

" _ *Au revoir* , senhor de La Fontaine!"

"Acabamos de chegar do sítio da vovó e vimos a bengalada que o senhor pregou no focinho daquele lobo antipático. Muito bem feito. Queira aceitar os nossos parabéns. *Bon jour* ." (LOBATO, pág.139)

No trecho acima Emília parabeniza La Fontaine por ele ter batido no lobo por estar desaforando e discutindo com o carneirinho, e mais, por estar querendo devorá-lo apenas porque ele estava à beira do rio tomando água, na fábula " O Lobo e os três cabritinhos".

O maravilhoso no Sítio pode ser vivido por qualquer um. Tanto por seres reais como por seres imaginários. Novaes Coelho, ao afirmar que Lobato funde o mundo imaginário com a realidade concreta, mostra a possibilidade no plano da narrativa, dos personagens, de no dia-a-dia acontecerem aventuras maravilhosas que, em geral, até então só eram possíveis nos contos de fadas, ou no mundo da fábula, da tradição, e mesmo assim vividas apenas por seres extraordinários.

Em uma das cartas de sua longa correspondência com Godofredo Rangel, escritor carioca, Lobato afirma: "*Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades.*" (*Correspondência*; LOBATO, 1916)

Através dessa carta fica claro o desejo que Lobato tinha de inovar, de trazer à tona uma nova literatura, ou melhor, o projeto estético de o autor ampliar a literatura à criança era para tirar a literatura do lugar estagnado em

que se encontrava, não só pra acabar com toda a moralidade que a mesma possuía.

No momento em que Lobato enviou esta carta a seu amigo ele elaborava seu projeto, tudo encaminhado para que sua literatura fosse inovadora e que de fato mexesse com as "moralidades" daquela época. Principalmente porque, até, então os contos ainda eram de cunho moral, não se desprendiam daquela posição. Um bom exemplo é o conto "Partilha" presente na obra "Contos Pátrios" de Coelho Neto e Olavo Bilac, onde a fala da mãe era sempre exemplar e o filho a obedecia fielmente, sem questionar." _ *Espera, filho! Espera! (Contos Pátrios, pág. 17)*

Em "Reinações" aparece também a fábula "A Cigarra e a Formiga", adaptada por La Fontaine, em que Emília intervém, "espevitada" como sempre, pois ela não concorda com o fato de a formiga condenar, maltratar e achar que a música da cigarra não é uma forma de trabalho, e sim, achar que só o que ela própria faz está certo e é digno de reconhecimento." _ *Chegou a tua vez, malvada! Há mil anos que a senhora me anda a dar com essa porcaria de porta no focinho das cigarras, mas chegou o dia da vingança. Quem vai levar porta no nariz és tu, sua cara de coruja seca.*" (LOBATO, pág.142)

Este é mais um trecho da obra que mostra claramente a mistura da realidade com a imaginação de forma brilhante, pois a boneca Emília, uma personagem "maravilhosa", reage duramente contra os abusos da formiga para com a cigarra. Assim, Lobato apresenta um final e uma solução diferente para o conto clássico, (focalizando a perspectiva do leitor infantil) ele faz com que uma boneca acabe com o autoritarismo da formiga e conseqüentemente quebra a moralidade existente no conto. Este é também mais um plano de relação entre o real com a fantasia, com a imaginação dentro da obra de Lobato, pois ele traz para o cenário do Sítio brasileiro a encenação da literatura canônica com novas propostas de solução.

Porque o que ocorre na versão tradicional da fábula é a formiga batendo com a porta na cara da cigarra, dizendo que a mesma era vagabunda, que

não trabalhava, que só ficava cantando e por isso não merecia ajuda naquela época do ano. A formiga acusava a cigarra e afirmava que a mesma devia pensar e trabalhar para não ter de pedir ajuda aos outros, como se a música da cigarra, que para ela era uma forma de trabalho, fosse menos importante que o trabalho das formigas.

Portanto, até o momento verificamos que “Reinações” é uma obra de destaque no que se refere à narrativa infantil inovadora. Traz à tona algumas noções de “real”, sendo que analisei até aqui dois planos de real: o do adulto com a criança e o do livro com a realidade empírica.

CAPÍTULO III

REINAÇÕES E MARAVILHAS

Na história da literatura tida para crianças, "Alice nos Pais das Maravilhas" (1864), de Lewis Carroll, tem sido apontada como a obra que vai realizar o deslocamento em relação à tradição canônica fundada em narrativas como "Chapeuzinho Vermelho". É tratada como a primeira obra que tenta recortar a perspectiva de mundo da criança e que retrata de forma "maravilhosa" a relação entre realidade e imaginação, assim como a obra "Reinações de Narizinho" só que em uma narrativa mais complexa.

Considerando que tomo como base o fato de Narizinho reinventar Alice, "Reinações de Narizinho" vem (re) significar o gesto de "Alice no País das Maravilhas", no contexto literário e narrativo brasileiro.

"Alice no País das Maravilhas" e "Alice no País dos Espelhos" são obras cujo fundamento é o realismo mágico. Nelas, a magia e a imaginação estão relacionadas com o mundo real, pois, nessas obras Alice vive aventuras surreais. Em "Alice no País das Maravilhas" a maioria dos personagens com os quais a personagem se depara e vive as inúmeras aventuras são animais personificados ou objetos com forma humana e seres maravilhosos construídos pela ótica da magia. Desses encontros originam-se diálogos e situações que caracterizam-se pelo inusitado, pois, são situações fora do comum. Essas, se pensadas pela lógica racional são impossíveis de acontecer. Como o trecho que expõe Alice frente a um bebê que não é "bem" um bebê e sim um porco.

"Desta vez não havia engano possível: era nem mais nem menos que um porco, e lhe pareceu que seria totalmente absurdo continuar carregando-o."

"Assim, colocou a criaturinha no chão e se sentiu muito aliviada ao vê-la caminhar calmamente para o bosque. 'Se tivesse crescido'; disse ela para si mesma, 'teria sido uma criança horrível'; mas como um porco é bem jeitozinho, eu acho." (CARROLL, pág.62)

Sem dúvida, o maravilhoso habita o País das Maravilhas e Alice é sua hóspede temporária, viajando na trilha surrealista de uma passagem da realidade, que se altera quando ela penetra na toca do Coelho, para a fantasia, onde as coisas acontecem sem lógica, ou melhor, acontecem numa outra lógica. Afinal, Alice é inserida em um mundo totalmente estranho e diferente para ela.

A história baseia-se no sonho de Alice, e como todo sonho, nesse também são quebradas muitas regras que regem o mundo real. Essas rupturas são analisadas pela própria personagem principal que, com o decorrer dos acontecimentos percebe que neste mundo nem tudo era como ela pensava ou queria, tornando-se assim parte de um jogo bem interessante.

" Alice achou aquilo tudo muito absurdo, mas todos pareciam tão sérios que não ousou rir; como não lhe ocorreu nada para dizer, simplesmente fez uma reverência e pegou o dedal, com o ar mais solene que arranjou." (CARROLL, pág.30)

Destaca-se na história a figura do Coelho Branco, sempre preocupado com o tempo, uma sugestão já "de dentro" da história para a relativização que a obra encena, em relação ao canônico. Ao entrar na toca do Coelho, cavidade que representa a porta de entrada para o universo "irreal", Alice encontra um mundo que, apesar de maravilhoso, não traduz a perfeição de um conto de fadas, aqueles onde tudo era perfeito e sempre havia finais felizes. Ela passa a brincar com a imaginação e com coisas que no mundo real as crianças desejariam fazer, mas não podem porque seriam punidas. Afinal, elas vivem em um mundo real e com regras que devem realmente ser cumpridas.

O País das Maravilhas possui regras próprias e destituídas de sentido face ao mundo "real" da Alice acordada, pois, neste mundo Alice encontra e vê coisas surpreendentes. Alice depara-se com figuras oníricas, como uma Rainha de Copas sanguinária que a todo momento ordena a decaptação de alguém." A Rainha ficou rubra de fúria, e depois de fuzilá-la com os olhos por

um momento como uma fera selvagem gritou: 'Cortem-lhe a cabeça! Cortem...' (CARROLL, pág.80)

Depara-se também com um gato encantado, que some e desaparece aos poucos: *"...dessa vez desapareceu bem devagar, começando pela ponta da calda e terminando com o sorriso, que persistiu algum tempo depois que o resto de si fora embora."* (CARROLL, pág.64)

No decorrer da história Alice depara-se ainda com muitos personagens mágicos que a fazem viver aventuras muitas vezes incompreensíveis para ela. Para viver neste espaço recheado de pessoas, seres e situações diferentes, Alice é obrigada a reformular constantemente seus conceitos e comportamentos. Como resposta ao desconhecido que lhe é apresentado, Alice aumenta e diminui de tamanho após comer ou beber algo que naquele lugar é mágico. Segundo Empson (2002) esse aumentar e diminuir de Alice retrata de certa forma o desejo da maioria das crianças que em alguns momentos querem ser tão pequenas para passar despercebidas perante os adultos e fazer coisas ou até travessuras proibidas por eles. E em outros momentos desejam ser tão grandes para fazer coisas também proibidas a elas, ou até mesmo para mandar nos adultos, como uma forma de governá-los.

" Pouco depois deu com os olhos numa caixinha de vidro debaixo da mesa: abriu-a, e encontrou dentro um bolo muito pequeno, com as palavras COMA-ME..."

" Comeu um pedacinho, e disse para si mesma, aflita, 'Para cima ou para baixo? Para cima ou para baixo?',..." (CARROLL, pág.31)

O País das Maravilhas torna-se desconfortável quando a personagem Alice percebe que naquele lugar mágico e diferente também existe uma certa ordem. Quando a Rainha de Copas sente-se contrariada, por exemplo, percebemos o seu autoritarismo através das inúmeras ordens que a mesma dita o tempo todo. A partir desse momento e do julgamento que a Rainha impõe às pessoas, um desejo de evasão domina Alice.

No capítulo "A Lagoa de Lágrimas" em "Alice.." temos um poema cujo formato é parecido com o rabo de um rato e nele a fantasia e o maravilhoso são a aceitação do sobrenatural. Percebemos o encantamento e a

capacidade de nos induzir a um mundo irreal, a um mundo onde a imaginação é o ponto de partida para todo e qualquer acontecimento.:

"Vou julgar
o caso inteiro
e traçar
tintim
por
tintim,
o seu
triste
fim."(CARROLL,pág.32)

Aparentemente, "...Alice obedece à estrutura tradicional de uma narrativa infantil. Parte de uma situação familiar, a de estar lendo um livro, com sua irmã, à margem de um rio. Faz-se chamar a atenção do livro que Alice lia, que era sem figuras e sem diálogos.

Alice é uma personagem que foge aos modelos tradicionais, ela é a introdução de um novo paradigma de personagem infantil em relação a Chapeuzinho Vermelho, pois ela já tem vida interior, seu inconsciente é exposto pelo narrador, a criança é retratada como questionadora, como um ser que pensa, age, que resolve conflitos, o que ainda não acontecia em "Chapeuzinho". Podemos confirmar esta afirmação através de Empson (2002): *"A fórmula é agora criança-tornada-juiz,..."* Enfim, uma criança que questiona o que ocorre a sua volta.

O mesmo acontece em "Reinações" com Narizinho, pois, a menina é extremamente questionadora, ela busca resolver conflitos e geralmente os resolve. Usando do expediente do maravilhoso e do faz-de-conta, ela pensa e age com firmeza, toma decisões, mas tudo isso com maior densidade que Alice, expondo bem mais a vida interior da personagem e seu jeito questionador. Isso se dá também no ser infantil que Emília figura na obra.

No capítulo "O Plano de Emília" vemos claramente as crianças tomando decisões e resolvendo conflitos, pois, eles precisam de dinheiro para fazer um circo, que foi idéia de Emília, a qual venceu em um concurso de quem tinha a melhor idéia, ocorrido no Sítio e, diante disso Emília e Pedrinho colocam-se a pensar em como resolverão este problema. *"...há duas cadeiras de um cruzeiro cada uma, reservadas para vovó e tia Nastácia. Elas têm que pagar dinheiro de verdade..."* (pág. 124)

Em "Alice" ficamos diante de uma situação linear entre a fantasia e a realidade e é através dessa dualidade que surge a figura do Coelho, curiosamente vestido e portando um relógio de bolso. Ao seguir o Coelho há um deslocamento de espaço e de tempo e Alice entra em um mundo desconhecido, em queda livre. Já caindo, Alice preocupa-se com o modo com o qual chegará ao lugar onde está indo, planeja uma chegada de forma educada sem causar danos aos habitantes, tanto que toma muito cuidado para não derrubar nada enquanto está caindo.

"... olhou para as paredes do poço, e reparou que estavam forradas de guarda-louças e estantes de livros; aqui e ali, viu mapas e figuras pendurados em pregos. Ao passar, tirou um pote de umas das prateleiras; o rótulo dizia 'Geléia de Laranja', mas para seu grande desapontamento estava vazio: como não queria soltar o pote por medo de matar alguém, deu um jeito de metê-lo num dos guarda louças porque passou na queda." (CARROLL, pág.12)

Neste momento realidade e fantasia estabelecem entre si uma certa relação, pois, no mundo real seria impossível alguém ler rótulos ou pegar objetos quando em queda livre. Porém, no mundo da fantasia tudo pode, embora a fantasia não necessite ser a perda de noção do mundo real. A fantasia está justamente no "desligamento" das regras relativas ao mundo real. Alice pode "beber" e encolher, "comer" e esticar, deixando o leitor diante de transformações físicas inimagináveis e impossíveis no mundo real, mas naturais no mundo da imaginação.

Uma questão que deve ser melhor esclarecida é a fusão entre o real e o maravilhoso, pois, em "Alice" esses dois planos não se fundem propriamente,

um não interfere no outro, tanto que Alice vivencia diversas aventuras indo ao mundo da imaginação, mas nenhum personagem imaginário que Alice encontra vai até o mundo dela.

Em "Reinações" o tratamento narrativo é diferente, porque um plano interfere diretamente no outro. Nesta obra ocorre uma fusão complexa entre o real e o maravilhoso, podemos perceber isto a todo momento, afinal, existe uma troca de visitas aos "mundos". Do mesmo jeito que Narizinho visita o mundo da fantasia, os personagens desse mundo também visitam Narizinho no Sítio, um ambiente do mundo da realidade, mas o personagem do mundo da fantasia mantém suas características como realmente são, como se estivessem no seu ambiente, no lugar em que vivem.

" _ Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lúcia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. Não me reconhece?" (...)

"O peixinho saudou respeitosamente a boneca, e em seguida apresentou-se como o príncipe Escamado, rei do reino das Águas Claras." (LOBATO, pág.9)

Fica evidente através desse trecho a falta de limite, de fronteiras entre um mundo e o outro, os dois se misturam como algo comum e possível de ocorrer no cotidiano. Portanto, Lobato instaura uma possibilidade de "real" para a literatura para crianças no Brasil, e traz à tona novas possibilidades de se trabalhar com a realidade em obras infantis.

Temos ainda um outro plano de realidade e fantasia existente na obra "Reinações" que é o do clássico com a anedota popular, o qual podemos perceber através da figura do peixinho (Príncipe Escamado) em relação ao peixinho da anedota popular transcrita por Mário Quintana. Em ambos os casos o peixinho consegue sobreviver fora do seu lugar de origem, ele é capaz de realizar coisas próprias do ser humano. É absurdo como o peixinho da anedota se relaciona com o homem, ele anda, fala e até toma suco por um canudinho. Evidente nos trechos a seguir, de "Reinações" e da anedota respectivamente.

"Narizinho e o príncipe dançaram a primeira contra dança sob os olhares de admiração da assistência." (LOBATO pág. 16)

"Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava, a trote, que nem um cachorrinho. Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelos cafés; (Velha História, Mário Quintana)

Em "Alice no País das Maravilhas", ao ser apresentada pelo narrador como sujeito e não mais como objeto tema da narrativa, Alice entra no mundo da imaginação através do sonho e da transformação, utilizando-se de erros e acertos apresentados no decorrer da narrativa.

Na obra, os elementos mágicos não agem como os modelos tradicionais dos contos de fadas, pois apresentam animais como "Gato de Cheshire", a "Lagarta Azul" e outros, que são personagens extremamente confusos e não dominam suas próprias histórias, suas perguntas enformam os questionamentos tidos como infantis. Dessa forma Alice só pode contar consigo mesma para resolver os problemas, uma vez que os elementos mágicos "auxiliares" atuam como oponentes da personagem. Esses "auxiliares" nunca agem de forma clara com Alice, dão a ela apenas pistas e indicações do que ela deve fazer, induzindo a menina a pensar no que fazer no "País das Maravilhas". Como fez a lagarta em:

" Em seguida desceu do cogumelo e foi rastejando pela relva, observando simplesmente, de passagem: 'Um lado a fará crescer, e o outro a fará diminuir'.

" Um lado do quê? O outro lado do quê? Alice se perguntou." (CARROLL, pág.50)

É importante ressaltar que Alice também é sua própria opositora, uma vez que se mostra despreparada para enfrentar situações inusitadas, encontradas a cada novo capítulo. Ali no mundo da fantasia suas aprendizagens morais ou comportamentais do mundo "real" são inaplicáveis, assim a menina sofre um deslocamento desorientado. Por isso, também é, ao mesmo tempo, a única beneficiária da aventura vivida que será resultante de transformações: o crescer e o diminuir.

A constante presença da aventura está ligada a uma viagem fantasiosa que relaciona o mundo real e o mundo fictício canonicamente estabelecidos como opostos, uma vez que as possibilidades de diversas vivências aventureiras relacionadas a esses dois mundos são distintas.

Pode-se afirmar que a fronteira entre o real e o irreal é, assim, fictícia e variável, implicando o leitor na sua demarcação porém ao mesmo tempo expondo clareza no plano "acordado" de Alice.

O sonho tem sido usado pela tradição literária como explicação para experiências inverossímeis, *"mas o que determina a fantasticidade stricto sensu é exactamente a brecha deixada pela narrativa ao inserir no enunciado a pergunta: será sonho ou não?"* (RODRIGUES, 1988:33), indagando assim os limites do sonho e do real, indagando até onde um e outro podem chegar, mas deixando-os opostos no plano da narrativa.

Veja-se a título de exemplo, o desfecho de "Alice no País das Maravilhas": ela é despertada do seu sono/sonho pela irmã, a quem depois conta o seu percurso. E esta por sua vez, imerge também num sonho, só que acordada, onde perspectiva o mundo maravilhoso evocado por Alice, imagina como seria tudo aquilo, como seriam todas as coisas e acontecimentos maravilhosos que Alice acaba de lhe contar.

Retratando mais uma vez a importância do Coelho na obra, vemos que a originalidade do mesmo inspira um ar de aventura, desperta a curiosidade e fomenta o desejo de vivência num mundo maravilhoso como fuga. Ele configura o passaporte para o mundo dos sonhos. Alice não pensou duas vezes, e entrou na toca à procura desse mundo maravilhoso. Ela então começa a cair num abismo profundo: *"Alice não teve nenhum segundo para pensar em para antes de se ver despencando num poço muito fundo."* (CARROLL, pág.12)

Ela vê um jardim e tenta várias vezes ajustar seu tamanho para poder aí entrar sem medir as conseqüências; maravilhada procura nas suas fantasias o encontro consigo mesma, a descoberta de si própria. Assim se inicia uma

viagem semi-voluntária, à descoberta de um mundo diferente, não mais significando apenas fuga, mas aprendizado.

Quanto ao percurso que Alice faz, podemos afirmar que o problema dela, como já dito anteriormente, é a descoberta de si própria. A descoberta da "minúscula chave dourada" (CARROLL, pág.14) que lhe dá acesso ao jardim, configura o contato com um mundo mágico formatado à medida dos seus desejos, do prazer da vida, pois viver aí é uma aventura de descoberta do mundo e de si mesma. Para se manter nesse jardim, Alice tinha de constantemente aumentar e diminuir de tamanho, vivenciando os mesmos conflitos que a levaram para este mundo. Assim este espaço se torna tumultuoso porque as dúvidas de Alice são as mesmas do mundo real. Com isto se vê que o jardim representa um reflexo claro da realidade.

O regresso de Alice é o melhor, pois é o despertar dela para a realidade, o que ocorre de forma violenta. Cansada de tanta fantasia, vivenciava sentimentos contraditórios: alegria, por um lado, por outro terror, culpa e vergonha. Quando a Rainha de Copas manda cortar a sua cabeça ela compreende que o mundo de fantasia em que estava submersa não era tão colorido e alegre como antes, e que nele também havia regras, limites e responsabilidades a serem cumpridas e respeitadas. Ela é o sujeito em confronto com o espelhamento da realidade empírica no mundo que deveria ser de fantasia. Assim Alice se desencanta do seu sonho maravilhoso, por agora mais cruel que a própria realidade e corre desesperadamente em demanda da porta por onde tinha entrado para aquele mundo de fantasia. Assim rompe a relação entre o sonho e a realidade. O seu regresso torna-se num acordar abrupto, na evocação de um sonho:

"Acorde, Alice querida! Disse sua irmã. Mas que sono comprido você dormiu!"

"Ah! Tive um sonho tão curioso! disse Alice, e contou à irmã, tanto quanto podia se lembrar delas, todas aquelas aventuras que tivera e que você acabou de ler; quando terminou, a irmã a beijou e disse: sem dúvida foi um sonho curioso, minha querida; agora vá correndo tomar o seu chá, está ficando tarde: Alice então se levantou e saiu correndo, pensando, enquanto corria o mais rápido que podia, que sonho maravilhoso tinha sido aquele." (CARROLL, pág.122).

Portanto, tanto em "Reinações de Narizinho" de Monteiro Lobato, quanto em "Alice no País das Maravilhas" de Lewis Carroll, há um artefato ficcional levado às últimas consequências: nas duas obras percebe-se a forte entrada do imaginário, da fantasia, porém vistos e trabalhados de formas diferentes. Nestas obras existem argumentos rigorosos, sem pormenores supérfluos, o que faz com que cada motivo tenha uma projeção ulterior, e se ligue a outros motivos de forma mágica, apresentando assim, vínculos inevitáveis entre coisas distintas.

Há alguns pontos comuns nessas obras, como a viagem a um mundo desconhecido, o da magia, do maravilhoso; a menina Alice com voz própria, e no caso de "Reinações", a boneca Emília cheia de vontades e atitudes.

Um outro ponto que reforça bem a relação entre o real e o maravilhoso é o fato de Alice, ao retornar desse mundo maravilhoso, ver que tudo não passou de um sonho, ela sabe o que ela viveu mas não tem nenhuma prova concreta, real, dessas aventuras, restando apenas as lembranças do que foi vivido. Alice então apenas conta à sua irmã todas as aventuras que viveu no mundo das maravilhas, não há como provar, e sua irmã coloca-se a imaginar como seria esse mundo.

Em "Reinações", Narizinho vai ao mundo da fantasia e quando retorna traz provas de que esteve lá e que não foi sonho. Narizinho tem várias provas concretas que vivenciou de fato todas aquelas aventuras, uma de suas provas é a boneca Emília, ou melhor, a fala de Emília. Até mesmo porque todos no Sítio podem ver e ouvir a fala da boneca. Todos ali no Sítio vivenciaram a instância de fusão do real com o maravilhoso, todos tiveram contato direto com esse mundo de magia. "*Dona Benta, de fato, nunca dera crédito às histórias de Narizinho. Dizia sempre: 'Isso são sonhos de crianças'. Mas depois que a menina fez a boneca falar, dona Benta ficou tão impressionada...*" (LOBATO, pág.22)

Outro ponto que demonstra que Narizinho realmente poderia não estar apenas sonhando é o fato de em uma de suas viagens ela levar sua avó (D.Benta) consigo, e lhe apresentar todo aquele mundo de magia fazendo

com que ela também vivesse todas aquelas aventuras. Dona Benta entra no jogo de fantasia de forma natural, evidente no capítulo "Dona Benta de cabeça virada" de "Reinações..." onde a avó entra no mundo de magia dos netos e vai viver uma aventura junto com eles: "As crianças ficaram num delírio. Levarem sua querida vovó ao País das Fábulas foi coisa que nem em sonhos lhes passara pela cabeça..." (LOBATO, pág. 154)

Então, fica evidente que ambas as obras apresentam a presença do real e do maravilhoso, mas com resoluções diferentes. Em "Alice..." sem um plano interferir no outro, existe a presença dos dois, mas um não se funde no outro. Em "Reinações..." existe claramente a fusão, o plano da fantasia e da realidade se fundem, um interfere no outro profundamente.

Nessa obra todos vivem e presenciam as aventuras mágicas e fantásticas, de uma forma ou de outra todos acabam envolvidos, enquanto que em "Alice..." apenas a menina tem o privilégio de vivenciar tais acontecimentos maravilhosos.

Enfim, fica evidente a diferença entre as duas obras no que se refere ao tratamento dado à realidade e fantasia. Nessa obra todos vivem e presenciam as aventuras mágicas e fantásticas, de uma forma ou de outra todos acabam envolvidos, enquanto que em "Alice..." apenas a menina tem o privilégio de vivenciar tais acontecimentos maravilhosos.

podemos comprovar isso através de Deleuze (1974:10): *Não há, pois, aventuras de Alice, mas uma aventura: sua ascensão à superfície, sua desmistificação da falsa profundidade, sua descoberta de que tudo se passa na fronteira.*

No caso de "Reinações" existem três planos de real com a fantasia, sendo um do adulto com a criança (infantil), outro do livro propriamente com a realidade empírica e por último o do conto clássico com a anedota popular, ressaltando que em todos os planos citados há a mistura dos mundos, há a interferência de um plano no outro.

O que vem para comprovar mais uma vez que "Reinações de Narizinho" é uma obra de extrema importância para a Literatura Infantil Brasileira, pois

inova a narrativa infantil, traz à tona uma escrita capaz de mudar o conceito de produção infantil, mostrando que o real pode sim se misturar com a fantasia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um trabalho que analisa a fusão entre a realidade e a fantasia em "Reinações de Narizinho" de Monteiro Lobato mostrando como a mesma ocorre. Analisa também todas as inovações existentes, as diferenças no plano da narrativa com obras anteriores que já haviam introduzido uma escrita diferente para crianças, uma escrita que os colocava como seres "capazes" de pensar e agir de acordo com a lógica, expondo seus interiores.

No entanto, ainda há muito para se analisar nesta obra, há muito a considerar sobre este assunto, pois não se esgotam aqui as possibilidades de análises a serem realizadas, até mesmo porque Lobato é um autor grandioso e com obras magníficas que merecem atenção especial no que diz respeito literatura infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 48ª ed. Brasiliense, 1993.
- CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Ática, 1864
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira*. 6ª ed. São Paulo:Ática, 1999.
- ZILBERMAN, Regina e ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 4ª ed. São Paulo: Global, 1993.
- NETO, Coelho e BILAC, Olavo. *A Partilha*. In: *Contos Pátrios*. 48ª ed. Rio de Janeiro, 1965
- PERRAULT, Charles, In: *Chapeuzinho Vermelho*. Porto Alegre: Kuarup, 1697
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*; tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. São Paulo: Ática, 1997
- EMPSON, William. *Alice no País das Maravilhas*. In: *Teoria da literatura e suas fontes*. Rio de Janeiro, 2002
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à narrativa fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992

Cartas Transcritas de *A Barca de Gleyre* de Monteiro Lobato

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 1995.

BARBOSA, Alair. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.